



ESPORTE PARA CRIANÇAS - TEMAS ÉTICOS

Jim Parry, Faculdade de Filosofia, Universidade de Leeds, Reino Unido
Alberto Reinaldo Reppold Filho, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Introdução

Este trabalho procura demonstrar como o interesse em desenvolver uma compreensão ética do esporte está de acordo com a visão da criança como um agente moral em desenvolvimento.

1. O Conceito da Criança

A criança não deveria ser vista e tratada como um mini-adulto, mas como uma pessoa com características e necessidades específicas que derivam do seu *status* como criança. Assim precisamos explorar os conceitos de "criança" e "infância" não apenas por motivo de clareza, mas também porque a análise faz-se esclarecedora como base para nossa caracterização do peculiar *status* moral das crianças e da atribuição de características moralmente relevantes a elas.

2. Dominação dos adultos e os Direitos das Crianças

O esporte praticado pelas crianças é organizado e controlado por adultos que criam condições sob as quais a dominação e a exploração podem prosperar. Isto é especialmente verdade dado o nível de confiança outorgado aos adultos pelas crianças. Há perigos morais óbvios aqui, uma vez que o poder do adulto é expresso de muitas maneiras, por duas suposições que estão em tensão:

- a suposição que as crianças são mini-adultos – uma vez que algumas crianças competem em níveis muito elevados, pode existir a expectativa de que suportem certas situações e emoções da mesma forma que os adultos fazem.
- a suposição que as crianças não têm condições de tomar decisões por elas mesmas – tão logo os adultos estão envolvidos, eles tendem a exercer influência e controlar completamente a situação.

Dadas estas preocupações, é importante que os direitos das crianças sejam estabelecidos e implementados. Nossa análise do conceito de "criança" produz um conjunto de direitos, alguns dos quais são compartilhados com adultos, mas outros específicos às crianças.

Alguns têm criticado tais afirmações, utilizando a linguagem dos "direitos", porque são freqüentemente apresentadas sem justificação como um conjunto de reivindicações ou demandas, mas também é possível expressar estas preocupações pela linguagem do bem-estar e dos deveres e responsabilidades dos adultos. Dois deveres primários para com os outros são: não-maleficência (não provocar danos) e benevolência (fazer o que traz benefícios). Podemos aplicá-los ao esporte para crianças, chamando atenção para os perigos a ele relacionados (buscando evitá-los) e reconhecendo seus benefícios (tentando promovê-los).

3. Instrumentalização e Valores do Esporte

Descrevemos os benefícios do esporte de modo intrínseco e extrínseco. Enfatizamos as satisfações internas e os valores intrínsecos da atividade como também os benefícios físicos, sociais e psicológicos que a participação e o sucesso podem trazer.

Porém, há muitos modos nos quais a participação de crianças no esporte pode ser usada instrumentalmente para os interesses de outros. Já temos notícia do fenômeno do rendimento por procuração, no qual as crianças são veículos da ambição dos adultos. Entretanto, há outras motivações instrumentais que podem conduzir a uma contradição entre a participação da criança e os supostos benefícios.

Na medida que temos deveres com as crianças em relação ao seu desenvolvimento e, especialmente, em relação ao seu desenvolvimento moral, o esporte para crianças deveria ser guiado primeiramente e primordialmente por valores intrínsecos e éticos: para educação, não apenas treinamento; objetivando desenvolvimento, não exploração; autonomia, em lugar de controle. Isto significa que queremos que nossos estudantes venham a saber, entender e apreciar aquilo que o esporte tem a oferecer, mas também de participar dele de modo a mantê-lo como uma prática ética.

Seguem dois exemplos, retirados de preocupações contemporâneas sobre violência e doping.

4. Violência e Agressão

Embora reconhecendo que todos os esportes requerem disposição de vencer e um certo nível de agressividade, na maioria deles a violência não é aceita. O esporte de crianças deveria enfatizar as virtudes de disciplina e autocontrole. A educação para não-violência contribui para preservar o esporte como uma prática ética. O esporte é uma questão de competição, mas não necessariamente conflito, uma busca pela excelência, mas dentro de limites fixados pelo respeito ao oponente e num contexto de amizade e tolerância pacífica.

5. Doping e Burla

A razão principal do *doping* ser errado não é porque pode causar dano, ou porque é ilegal ou não-natural, mas porque quebra com um acordo pré-competição. Os atletas preparam-se e competem com uma compreensão mais ou menos precisa das regras. Qualquer tentativa de evadir estas regras para tirar vantagem é burlar. É uma tentativa de subverter a própria base na qual a atividade é possível; é subverter a base lógica e moral de toda a prática social do esporte. O *doping* no esporte deveria ser encarado especialmente como um tipo de burla, e todos os tipos de burla deveriam ser mostrados como autoderrota, uma vez que desrespeitam (e minam) a prática do esporte.

É importante chamar atenção que muitos dos argumentos contra violência e *doping* no esporte não atingem o ponto central: que a ética no esporte para crianças começa com uma apreciação da própria base ética do esporte e com o compromisso de manter a prática esportiva como um empreendimento ético. Isto é o que deve ser ensinado primordialmente e em primeiro lugar em seus dois aspectos: o aspecto negativo, nos ordena a não levar o esporte que praticamos à infâmia e, o aspecto positivo, nos ordena a mostrar respeito pelo esporte apoiando seus valores intrínsecos e respeito pelos co-participantes que compartilham os valores que nos fizeram engajar na atividade.